

## O planeta irreal

O planeta irreal está debaixo da cadeira,  
olha-me através do gato e fulmina-me  
com o cheiro da comida. Lá fora,  
agitam-se nuvens de mercúrio, de velhos  
despojos que voam pelo ar, que ventam  
e chovem e fazem espirais quando  
alguém se ergue para vê-los. Raios  
perfurantes saem das cabeças que me cercam,  
por isso me parecem irreais estes sapatos  
com que repiso o planeta, de cuja consistência  
desconfio. Não sei se a terra merece confiança,  
se as aduelas que cercam os átomos da escola  
se dissiparam em fé, se os ossos quebrados  
das montanhas não se derretem na aurora.  
O tempo que trago contado torna-me a Terra  
imaginária; e a minha morte, aquela que espreita  
na velhice, molda-nos essa verdade,  
mesmo que nos tenham dito a vida inteira  
que todo o universo era real.

## Poema tolo acerca da identidade

A pedra  
estava sozinha,  
repetindo para consigo  
o seu nome,  
repetindo,  
repetindo,  
repetindo,  
até que se achou cercada  
de outras pedras  
que vieram  
à chamada.

Quem pensas que és?

I – eu

Sou o alto daquela serra  
em busca de tudo o que é azul.  
Sou a faca que degola um bode  
e depois corta pedaços de papel.  
Sou o terror de um cavalo que cai  
num precipício; sou um tolo, um  
tiritante que é pago com silêncio,  
um peregrino do quase. Sou apenas  
aquele que escreve. Que escreve.  
Que escreve.

## II – e os outros

Sou o garoto que caiu do skate, sou o monstro de Goya que espreita de uma tela, sou a mulher que vende a uma esquina cartuchos de pevides. Sou o homem acororado que escava raízes no deserto e que não faz ideia que aquele ali sou eu. Sou também o triste, covarde cavaleiro que foge da batalha, o gordo arrasa-montanhas e a princesa fechada numa torre. Sou o grande plano de um nariz, de uns seios, de braços e de pernas, de sombras e relevos onde a carne é simples e humana. O rosto não tem limites: são todos iguais a mim, de tal modo a idade roeu a altíssima parede entre mim e os outros.

## O expatriado

Estou longe de casa,  
lá onde o vento dá a volta.

Já não me recordo do meu céu,  
debaixo de outro céu que assim é estranho.

Pergunto: quem sou eu? Ninguém  
me pode chamar pelo meu nome.

Olá, como estás?

Deixa-me ver como tu sangras.  
Deixa-me ver a rede de finas cicatrizes  
que protegem esse graal da alma.  
Tudo o que não sabes sobre ti  
deveria brotar-te das entranhas, em  
palavras que não fossem as do corpo,  
mas as da esfera translúcida onde moras.  
Se atravessares essa fronteira, essa  
metálica espessura do dia,  
ah, como seria interessante  
ouvir a tua resposta.